

# Afinal, Quem Foi?

A verdade sobre o afundamento de navios  
brasileiros na Segunda Guerra Mundial.

Reinaldo Valadares Theodoro

A História é um conjunto de  
mentiras sobre as quais se  
chegou a um acordo.

Napoleão Bonaparte

A Memória de um povo é  
mais fraca que a sua  
imaginação.

Gen. Octávio Costa.

## ÍNDICE

Prólogo	4
Agradecimentos	5
Capítulo I - 1942 - O Ano da Decisão	6
Capítulo II- Incidentes e Hipóteses	23
Capítulo III - Aliados: Motivos para Atacar ou Não	56
Capítulo IV - Aliados: Equipamento	59
Capítulo V - Eixo: Motivos para Atacar ou Não	68
Capítulo VI - Eixo: Equipamento	73
Capítulo VII - Personagens	80
Capítulo VIII - Fatos	105
Conclusões	114
Desfecho	117
Anexo	124
Bibliografia	128

## **PRÓLOGO**

Faz já quase oitenta anos que o maior conflito armado da História da Humanidade terminou. Mas ainda hoje circulam lendas e boatos, histórias nunca confirmadas e que incomodam os historiadores e o público em geral.

Para nós, brasileiros, o maior de todos os mitos, ainda hoje, é sobre o afundamento de nossos navios mercantes. A única coisa aceita pelo nosso povo é que eles foram afundados. Mas, a partir daí, começa a surgir uma névoa: afinal, quem os afundou? A história nos diz que foram os alemães (com uma “ajudazinha” dos italianos), mas parte considerável do grande público acredita piamente que os responsáveis por essas tragédias foram os americanos.

Nessa obra, procurarei rever a História. Voltarei aos nebulosos dias de 1942 e tentarei ver os acontecimentos sob os dois ângulos: o alemão e o americano. Por que ambos queriam atacar nossos navios? A resposta a essa pergunta pode significar o fim da dúvida – e é isso o que eu sinceramente espero.

Contudo, apesar desta obra se basear em pesquisa histórica, procurarei, sempre que possível, tornar a leitura o mais coloquial e agradável possível. Afinal, este livro não foi feito nem por nem para historiadores profissionais.

**REINALDO V. THEODORO**

Meus mais sinceros agradecimentos a todas as pessoas e instituições que de uma forma ou outra contribuíram para a realização desse trabalho.

Inicialmente, à minha família.

Ao SOMNIUM.

À Biblioteca Naval.

Ao Sr. Sólton Reis dos Santos, hoje já falecido, que entusiasticamente contou-me sobre as transmissões do programa “Salada Mista” da Rádio Berlim.

Reinaldo V. Theodoro

## CAPÍTULO I - 1942: O ANO DA DECISÃO

A 07/12/1941, a Marinha japonesa atacou a base aeronaval americana de Pearl Harbor, praticamente inutilizando a esquadra de batalha americana no Pacífico durante muito tempo.

Esse ataque precipitou a entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial. Hoje sabemos que os americanos haviam decifrado o código japonês e sabiam que algo estava para acontecer, embora supostamente não soubessem exatamente o que.

Também se sabe que o Presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt estava ansioso para entrar na guerra, pois isso faria a balança da vitória pender para os aliados, aumentaria a influência americana em várias partes do mundo, eliminaria a influência nazifascista, encheria os cofres americanos de dinheiro e as indústrias de operários (para atender aos pedidos de armamentos de meio mundo) e faria os EUA ascenderem à supremacia mundial.

Por isso, tudo fez para colocar o Japão “contra a parede”, obrigando-o a escolher entre a guerra ou abandonar todos os territórios que ocupara desde 1931. Obviamente, os japoneses escolheram a primeira opção.

A necessidade de mencionar essas coisas reside em fazer ver ao leitor que a “diplomacia e lisura” internacionais não são tão “limpas” quanto podem parecer. Geralmente utilizam-se métodos indiretos para se atingir objetivos. Isso é especialmente importante no assunto deste livro.

### O POVO BRASILEIRO

Para começar, falemos do povo brasileiro. Como éramos em 1942? Nessa época, e ainda hoje, consideráveis regiões da América do Sul (principalmente no Brasil) eram habitadas (e até controladas) por imigrantes alemães e italianos (só no Brasil, havia cerca de um milhão e meio de alemães). Obviamente, o nazi-fascismo tinha milhares de admiradores e fanáticos defensores, sentimentos esses que começavam agourentamente a ser aceitos por brasileiros influentes. O próprio Presidente da República, Getúlio Vargas, sentia-se atraído



Ataque a Pearl Harbor. Marinheiros numa lancha resgatam um sobrevivente do encouraçado USS West Virginia.

Foto: Wikipedia

por esse regime (afinal, para o bem ou para o mal, ele também era um ditador) e os integralistas (versão “tupiniquim” dos fascistas) deram muito trabalho.

Mas o povo brasileiro em geral sempre foi de torcer pelo “mocinho”. Após a invasão da URSS, até os comunistas passaram a combater os nazifascistas. Negros e judeus, obviamente, não podiam desejar boa sorte aos nazistas racistas e antisemitas.

Por outro lado, não poucos brasileiros estavam impressionados com as vitórias alemãs. Após vinte anos de predominância anglo-francesa, o mundo assistiu atônito à França desmoronar em pouco mais de um mês e o Reino Unido ser reduzido à impotência. A Noruega, a Dinamarca, a Holanda, a Bélgica, a Grécia, a Iugoslávia e o Luxemburgo eram agora propriedade alemã. A Áustria havia sido anexada. A Polônia e a Tchecoslováquia eram seus escravos. Suécia, Suíça e Portugal tinham suas neutralidades garantidas pelos exércitos germânicos. A Itália era aliada da Alemanha e a Espanha, sua simpatizante. Hungria, Romênia, Bulgária e Finlândia já estavam na coleira de Hitler. O poderoso Exército britânico escapou por um triz de perder o Egito (e o Canal de Suez) para algumas tropas alemãs e italianas, comandadas por um general então pouco conhecido chamado Erwin Rommel. Em dezembro de 1941, os exércitos de Hitler batiam às portas de Moscou.

Sem dúvida, qualquer um ficaria impressionado com tal expansão em apenas dois anos, especialmente os militares brasileiros, pois eles tinham toda a sua doutrina baseada em conceitos franceses e agora assistiam a seu mestre ajoelhar-se perante o antigo vencido (o General Maurice Gamelin, comandante francês em 1940, havia sido o chefe da Missão Militar Francesa no Brasil).

Havia também os que achavam, e com razão, que a Alemanha fôra desnecessariamente humilhada e espoliada após a Primeira Guerra Mundial e que agora chegara a hora da desforra (era esse o pensamento do povo alemão). Havia os que não gostavam de judeus e os que achavam que o Brasil devia se aliar ao lado vencedor, ou seja, a Alemanha. Esses últimos foram particularmente incômodos para os que lutavam para o Brasil entrar no bloco aliado, até mesmo após a declaração de guerra. Porém, esses eram a minoria.

Esse era o povo brasileiro de 1942. Políticos defendiam abertamente uma ou outra posição. A 11/06/1940, Getúlio Vargas discursa no “Minas Gerais” (o discurso na íntegra está no anexo deste livro), sendo suas palavras interpretadas como sendo pró-Eixo, embora seus atos tendessem cada vez mais para os aliados. O povo torcia por estes, mas não fazia apostas e, para complicar, havia os imigrantes, quintas-colunas e agentes estrangeiros.

## OS ALIADOS

Os aliados então já amargavam pouco mais de dois anos de guerra, a maior parte desse tempo suportando intragáveis derrotas e desastres militares. A França foi varrida nove meses após o começo da guerra. O Reino Unido teve que enfrentar o Eixo sozinho durante um ano inteiro, tendo a protegê-lo somente o Canal da Mancha e os restos do exército que escapara de Dunquerque. Quando os EUA entraram na guerra, a Rússia lutava desesperadamente pela sobrevivência. Logo após, os ocidentais foram expulsos do Oceano Pacífico, caindo Cingapura (baluarte britânico na Ásia) nas mãos japonesas. Estes, por sua vez, já faziam planos para atacar a Austrália, o Havai e a Índia. Eram dias sombrios para os aliados.

E agora os Estados Unidos faziam parte desse time. Mas os americanos precisariam ainda de muito tempo para entrar na luta. Seu Exército precisava ser ampliado e novamente treinado, tendo em vista a nova guerra sobre rodas; suas indústrias precisavam se adaptar à produção bélica e a sua Marinha precisava desesperadamente deter os japoneses no Pacífico (a tentativa feita no Mar de Java em fevereiro de 1942 foi desastrosa). As forças armadas americanas estavam lamentavelmente despreparadas: muitos dos seus equipamentos ainda eram da Primeira Guerra Mundial e seus tanques mais modernos eram terrivelmente inferiores aos modelos alemães. Os americanos depositavam grande esperança nos bombardeiros estratégicos, mas os modelos de então eram poucos e inadequados. Não havia um único avião de caça norte-americano capaz de enfrentar, em condições de igualdade, o Zero japonês ou o Messerschmitt Me 109 alemão.

Após Pearl Harbor, a Marinha americana contava menos oito encouraçados (dois definitivamente, o Arizona e o Oklahoma). Já perdera cinquenta destróiers velhos (cedidos aos britânicos) e boa parte de suas belonaves precisava de reformas ou era imprestável. Muitos barcos sequer tinham radar. Os seus porta-aviões limitavam-se a sete unidades, sendo que um era velho (o Langley), outro ineficiente (o Ranger) e, dos demais, apenas dois (Saratoga e Enterprise) sobreviveriam à guerra. Os submarinos americanos merecem, obviamente, uma análise mais detalhada.

Mais do que qualquer outra coisa, “Tio Sam” precisava de tempo, tempo esse que seria ganho com sangue britânico e soviético.

## OS EUA E O BRASIL

E como eram as relações dos EUA com o Brasil? Boas. Basta uma olhada em um mapa da América do Sul e se perceberá a importância do Brasil,

principalmente em termos estratégicos. O território brasileiro faz fronteira com quase toda a América do Sul e sua costa praticamente domina o Atlântico Meridional. Além do mais, com os alemães em Dacar, tão perto do Nordeste brasileiro, havia quem temesse uma invasão alemã para tomar o Canal do Panamá, estrangulando essa passagem vital para a Marinha americana (hoje sabemos que essa hipótese é ridícula, principalmente devido à impotência da Marinha alemã em realizar tal missão e da falta de interesse do Alto Comando germânico em algo tão distante da Rússia; mas as duas únicas divisões brasileiras razoavelmente equipadas – 7ª e 14ª – foram estacionadas no Nordeste, forçando o atraso do envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para a guerra). Já em junho de 1939, o General George C. Marshall visitou o Brasil. Além disso, com a Malásia em mãos japonesas, os aliados necessitavam da borracha brasileira. Outros produtos (algodão, cacau, café, etc.) eram igualmente necessários para a indústria de guerra aliada. Em seu livro, “A Vitória pela Força Aérea”, o major A.P. Seversky foi categórico:

“...É nosso dever desenvolver os nossos recursos necessários para a aviação no nosso país (EUA), e ao mesmo tempo desenvolver intensivamente todos os recursos essenciais sul-americanos. O Brasil, por exemplo, e as repúblicas vizinhas, com as suas imensas fontes de materiais, que tornam o hemisfério “auto-suficiente”, devia ser integrado no nosso esforço industrial...”<sup>1</sup>

Politicamente, a posição porventura tomada pelo governo brasileiro poderia influenciar outros governos da América Latina. Tudo isso mostra cabalmente a importância do Brasil na Segunda Guerra Mundial, especialmente para os EUA. Nesses termos, os americanos tudo fizeram para se aproximar, não somente do Brasil, mas, de toda a América Latina, na forma da “Política de Boa Vizinhança” (foi devido a isso que Walt Disney criou o Zé Carioca e o Panchito para contracenarem com o Pato Donald; uma infiltração política nos desenhos animados).

Em dezembro de 1936, ocorreu a Conferência de Buenos Aires, reunindo os representantes dos países do continente americano. Nessa conferência decidiu-se que qualquer ato que perturbasse a paz no continente exigiria uma consulta entre as repúblicas americanas, considerando-se que a agressão a um país seria tida como uma agressão a todo o continente. Também se decidiu que

---

<sup>1</sup> Seversky, Major Alexandre P., A Vitória Pela Força Aérea, Editora Itatiaia, MG, 1988 - pg.190.

qualquer aquisição territorial à força não seria reconhecida e que toda controvérsia entre países americanos seria resolvida por arbitragem.

Em 1938, Lima foi a sede de nova conferência, mas não houve decisões relevantes então. A conferência seguinte realizou-se no Panamá, entre os dias 23/09/1939 e 03/10/1939, resultando na “Declaração Geral de Neutralidade das Republicas Americanas”, que transformava em algo concreto o que todos os países americanos mais desejavam: ficar bem longe do conflito europeu. Foi então criada uma zona de neutralidade marítima de 300 milhas e, além disso, regulou uma série de detalhes legais, notadamente a proibição de bases militares estrangeiras em seus respectivos territórios (os americanos já tinham bases em Cuba e no Panamá e, posteriormente, instalaram bases no Brasil).

Sob o pomposo nome de “Pan-Americanismo”, os representantes dos países americanos continuaram se reunindo. Mas suas resoluções nem sempre (ou quase nunca) eram reconhecidas pelos beligerantes. O Graf Spee, “encouraçado-de-bolso” alemão, foi afundado ao largo de Punta del Leste, no Uruguai, a 13/12/1939, dentro da denominada “Zona de Segurança” determinada no Panamá.

Em 1940, pouco depois da queda da França, ocorreu a Segunda Reunião dos Ministros de Relações Exteriores, em Havana (21-30/07/1940). Reafirmou-se, agora em caráter mais radical, a determinação de que a agressão contra qualquer país americano seria uma agressão contra todo o continente. Manteve-se ainda a posição de neutralidade e a afirmação da manutenção do *status quo* das colônias europeias do continente. No mesmo ano, os governos americano e brasileiro concretizaram um acordo concernente à ajuda americana, caso o Brasil se visse em apuros, fosse de ataque estrangeiro, fosse de quintas-colunas. Ainda nesse ano, o governo brasileiro foi consultado pelos EUA sobre a possibilidade de colaboração na ocupação dos Açores e do Suriname. A 25/07/1941, a PANAIR do Brasil foi autorizada a construir, melhorar e aparelhar bases no Amapá, Belém, São Luís, Fortaleza, Natal, Recife, Maceió e Salvador, uma fachada adequada para o início da cooperação militar Brasil-Estados Unidos. Em setembro, barcos americanos e submarinos alemães começaram a ter “desagradáveis encontros” no Atlântico Norte. O destróier americano USS Reuben James foi afundado a 31/10/1941, ou seja, quarenta dias antes da declaração de guerra alemã aos EUA. A 11/12/1941, apenas quatro dias após o ataque a Pearl Harbor, aviões de combate americanos pousaram no Brasil, os primeiros dos muitos que atuariam a partir das costas brasileiras.

Os americanos haviam desenvolvido o chamado Plano Rainbow V, que previa a ocupação por forças militares dos campos de pouso de Belém, Natal, Recife e Salvador, envolvendo uma impressionante força de 60 mil homens.

Era uma situação daquelas em que todas as opções parecem ruins. De

um lado, os militares americanos apavorados querendo garantir a segurança continental através da ocupação à força do Nordeste brasileiro; de outro, o Presidente americano Roosevelt, compreendendo a estupidez de atacar um país soberano e cada vez mais alinhado com os aliados; de outro, o Presidente Vargas, pressionado por Roosevelt para ceder as bases aos americanos (ele chegou a escrever em seu diário: “Não é uma colaboração. É uma violência.”) e antagonizado por seus generais que eram pró-alemães. Por fim, a 18/12/1941, os americanos decidiram realizar uma invasão “light”: três companhias de fuzileiros navais (17ª, 18ª e 19ª) foram levadas por via aérea para Belém, Natal e Recife, supostamente como mecânicos (ao todo, apenas 150 homens). No entanto, as autoridades brasileiras se recusaram a permitir o desembarque desses soldados e por fim chegou-se a um acordo de que eles poderiam descer dos aviões desde que desarmados. Posteriormente, com a declaração de guerra brasileira à Alemanha, esse lamentável episódio acabou, felizmente, debaixo do tapete da História.

Um ano depois, Vargas encontrou-se com Roosevelt na Base Aérea de Parnamirim, em Natal, onde os americanos comandavam as pistas por onde passava o esforço de guerra para a África. Até o final da guerra, 18.579 aviões de combate passaram por ali rumo aos campos de batalha da Europa.

Entre os dias 15 e 28/01/1942, em caráter extraordinário, reuniram-se, no Rio de Janeiro, os Ministros de Relações Exteriores de vários países americanos. Já então, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá e República Dominicana já haviam declarado guerra ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão), enquanto México, Colômbia e Venezuela haviam rompido relações diplomáticas. Ao findar essa conferência, a 28/01/1942, Osvaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores do Brasil e franco defensor da causa aliada, anunciou que o Brasil, a partir daquele momento, estava de relações cortadas com os países do Eixo. Foi o primeiro passo do Brasil na direção da guerra. Bolívia, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai também optaram pela ruptura diplomática e apenas Argentina e Chile continuaram neutros, embora o Chile revisse sua posição um ano depois (20/01/1943).

Assim chegava ao auge a “Política de Boa Vizinhança” de Roosevelt. Agora o Presidente dos EUA tinha a apoiá-lo, senão todo o continente americano, pelo menos parte considerável dele. Mas se os EUA estavam formalmente em guerra, os outros países americanos, excetuando o Canadá, não estavam. E se o Brasil se visse na contingência de entrar na guerra, que condições ele tinha para isso?

## AS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS

As forças armadas do Brasil eram então patéticas. Seu fuzil padrão era o Mauser modelo 1908 (convém mencionar que a FEB recebeu fuzis americanos Springfield de 1903). Seu morteiro era o famoso Brandt francês de 81 mm, datado de 1927, bastante usado e copiado em todo o mundo. Suas metralhadoras eram a Madsen dinamarquesa ou a Hotchkiss francesa. Seus canhões eram uma miscelânea de velhos modelos franceses e alemães, todos puxados a cavalo (em 1938, o governo brasileiro encomendou modernos canhões à Alemanha). Seus únicos tanques eram alguns FT-17 franceses, relíquias da Primeira Guerra Mundial, que foram usados até 1942, além de alguns CV.33 italianos, verdadeiros “caixões de ferro”. A aviação militar brasileira, tornada independente do Exército em 1941, estava equipada com ridículas e insuficientes velharias de diversas procedências. O leitor já deve ter percebido que não havia indústria bélica nacional adequada. A situação da nossa Marinha era um pouco melhor, mas é constrangedor lembrar que a Marinha de Guerra do Brasil já foi uma das maiores do mundo. Nossa indústria naval produzia algumas belonaves, mas eram poucas e, assim mesmo, tinham que ser artilhadas com canhões americanos e aparelhos diversos de mesma procedência. Orgulhávamo-nos pelos nossos dois encouraçados, o Minas Gerais e o São Paulo, construídos na Inglaterra em 1910 – mas, para a Segunda Guerra Mundial, estavam obsoletos e só serviram como baterias de artilharia flutuantes para a defesa costeira em Recife e Salvador. Ruim também era a condição dos cruzadores Bahia e Rio Grande do Sul, também construídos na Inglaterra em 1909-10. Reparados, serviram de escolta e patrulha e até que se saíram bem demais. Tínhamos ainda a classe Pará de destróiers, igualmente construídos na Inglaterra em 1908-09 e constituída por dez barcos (quatro dos quais já estavam fora de serviço ao começar a Segunda Guerra Mundial). Foram usados para proteger o litoral do Rio de Janeiro (então capital). Tínhamos ainda o destróier Maranhão, comprado aos britânicos em 1920 (sua construção era de 1913). Tínhamos ainda alguns outros pequenos barcos e navios auxiliares. Nossa frota submarina era composta por quatro unidades (Timbira, Tamoio, Tupi e Humaitá), todos de construção italiana e, “para variar”, obsoletos (só serviram para treinamento antissubmarino).



Renault FT-17, tanque de fabricação francesa, foi o primeiro tanque adotado pelo Exército Brasileiro.

Foto: <https://www.armasnaoatmais.com/>